

I BIENAL DO LIVRO DE SERGIPE

Edição Especial - Abril de 2026



A importância do apoio público e privado aos eventos culturais

PALAVRA DO EDITOR

Por mais de uma década, uma pergunta me inquietou: por que Sergipe, com solo tão fértil para as letras e cultura tão vibrante, ainda não ocupava seu lugar de direito na rota das grandes Bienais do país? Enquanto vizinhos celebravam décadas de tradição, protelávamos algo que transforma vidas hoje. Decidi, então, deixar de ser observador para me tornar operário dessa construção.

Realizar a 1ª Bienal do Livro de Sergipe não foi apenas logística; foi uma missão de vida para retribuir à sociedade um evento que celebrasse o objeto de pensamento que mudou minha trajetória: o Livro. Percorri o estado dialogando com “gregos e troianos”, unindo vozes que compartilhavam o mesmo desejo de ver nossa literatura em evidência.

Enfrentei perrengues, noites em claro e a escassez de recursos. Mas cada quilômetro — inclusive os sessenta percorridos no aperto de um porta-malas, para não perder uma reunião estratégica — valeu a pena para ver nossa literatura finalmente como protagonista.

Esta revista registra esse marco, do qual você é parte fundamental. Quando ouvir alguém dizer: “Até pouco tempo atrás, estávamos babando pela Bienal de São Paulo, e agora temos a nossa própria”, saiba que essa fala representa a materialização do sucesso do evento.

Boa leitura e bem-vindos ao nosso tempo. O tempo é agora.



Secretário Municipal da Cultura de Aracaju Paulo Corrêa ao lado de John Santos.

Irineu Fontes ao lado de John Santos, idealizador da I Bienal do Livro de Sergipe.



Historicamente, os produtores independentes têm sido símbolos de resistência, uma vez que realizam projetos com recursos escassos e, na maioria das vezes, do próprio bolso, entregando, ainda assim, resultados expressivos. No entanto, esse cenário vem se transformando gradualmente. Hoje, existe um olhar mais atento aos movimentos culturais, e as leis de fomento têm permitido que a cultura circule de forma mais ampla, democrática e profissional. **Somado a isso, empresas públicas e privadas têm se unido cada vez mais a essa jornada, fortalecendo uma rede de apoio onde todos ganham: a economia gira, as marcas se conectam com a comunidade e o público recebe eventos de alta qualidade.**

O diferencial do apoio a eventos culturais é nítido. Além disso, o público está cada vez mais crítico e atento aos detalhes. Para quem patrocina a cultura, o retorno em visibilidade é garantido, somando-se a diversos benefícios institucionais e sociais. Apoiar a cultura é associar uma marca ao desenvolvimento intelectual e emocional da sociedade.

Em diversos estados, empresas já buscam proativamente os eventos para os quais destinarão recursos, pois reconhecem o impacto direto dessa exposição.

Nossa equipe gostaria de expressar agradecimentos profundos aos apoiadores que tornaram este evento possível. Sem essa rede de colaboração, não teríamos alcançado a estrutura e a expansão que o projeto atingiu. Estamos certos de que mais nomes figurarão com esse protagonismo ao apoiar iniciativas tão valiosas para o nosso estado.

Nosso agradecimento especial à **Gráfica e Editora J. Andrade**, parceira desde a Bienal do Livro de Lagarto; à **Livraria Leitura**, que se somou ao projeto e acreditou desde o início; ao **Instituto Banese**, pela cessão do espaço que acolheu nossa programação; à **Deso**, que também abraçou o evento; à **Prefeitura de Aracaju**, por meio da Secretaria Municipal de Cultura; à Secretaria de Estado da Cultura (Governo de Sergipe); ao **Supermercado BomBom**; à **ME Assessoria Literária** e a tantos outros parceiros que foram essenciais para este sucesso.

O museu do abraço experimental, santuário da Sergipanidade, acolhe a histórica **Bienal do Livro de Sergipe**



Não haveria solo mais fértil para a semente da 1ª Bienal do Livro de Sergipe florescer, se não o lendário **Museu da Gente Sergipana**. Mais do que um prédio histórico, o monumento é um santuário que teletransporta não só os sergipanos, como também os turistas, aos 75 municípios do estado.

O local é um ambiente agradável que, de forma lúdica, gera uma imersão, criando o desejo automático de se aprofundar na cultura de Sergipe. O recinto une o antigo ao moderno e quem o visita pela primeira vez fica encantado e retorna infinitas vezes. Ao abrir suas portas para a literatura, o cenário transformou-se no que o compositor Chico César define em sua célebre canção “Museu”: um verdadeiro “abraço experimental”. A sociedade sergipana agradece profundamente essa parceria e esse acolhimento que marcou a vida de quem compareceu para contemplar.

O planejamento da Bienal no local não foi por acaso. A instituição já carrega em suas paredes a alma do povo: o toque do rendeiro, o grito do repentista, o cheiro da culinária e o peso da história. Colocar o livro no centro desse universo foi uma sacada genial, permitindo que o leitor caminhasse pelos corredores da literatura enquanto abraçava a própria origem. E, como disse Ariano Suassuna, “**a arte é a missão de iluminar a vida**”. Na Bienal, essa luz manifestou-se em cada página virada, em cada nova descoberta e no encontro genuíno entre o autor e o público.

O evento no Museu da Gente Sergipana provou que uma boa ideia, seguida de um planejamento coerente por uma equipe técnica, fez Sergipe inaugurar um novo



A INSTITUIÇÃO JÁ CARREGA EM SUAS PAREDES A ALMA DO POVO SERGIPANO

momento na literatura. Ao acolher a diversidade do estado e tantas vozes, a Bienal tornou-se o espelho de um povo que lê,

escreve e se reconhece. A vivência mencionada por Chico César materializou-se na união entre a tradição e o novo, entre o cordel de Zezé de Boquim e a inovação literária contemporânea. Ter finalizado o terceiro dia de celebração com tamanha magnitude é a confirmação de que a cultura sergipana é um organismo vivo — um abraço que acolhe quem chega e fortalece quem fica.



O elo essencial: editoras fortalecem a 1ª Bienal do Livro de Sergipe

A presença das editoras em eventos literários vai muito além da exposição de capas. Representa o reforço de um compromisso vivo com a literatura. Mais do que divulgar obras e recepcionar o público, essas parcerias criam oportunidades reais para quem deseja “desengavetar” seu projeto e realizar o sonho da publicação.

Nesta edição, o evento ganha robustez com a presença confirmada da **Gráfica e Editora J. Andrade**, editora genuinamente sergipana que assume o papel de Patrocinadora Master, reafirmando sua liderança no estado. Somam-se a ela a **Comissão da Palavra**, editora baiana que hoje faz de Sergipe sua morada (Apoiadora Bronze), a **Editora Códice** e a **Editora UFS**, todas com sólido compromisso com a produção literária estadual.

Um destaque especial para a **Editora ArtNer**, dirigida por Joselito Miranda,



Gráfica J Andrade, patrocinadora Master.



profissional com mais de 30 anos de atuação no setor e presença marcante nos eventos literários do interior sergipano. Em conjunto, essas editoras não apenas patrocinam, mas oxigenam a economia criativa e tornam a nossa Bienal um palco de possibilidades.

Você tem um manuscrito guardado esperando o momento certo? Aproveite este evento para procurar uma dessas editoras de sua preferência e faça seu orçamento. A **2ª Bienal do Livro de Sergipe 2027** está logo ali, e este é o lugar e o palco onde sua história pode, finalmente, ganhar vida e ser lançada ao mundo.



Comissão da Palavra, patrocinadora Bronze.

Café com Escritores Sergipanos: diálogos que fortalecem a nossa literatura

O podcast intitulado *Café com Escritores Sergipanos* nasceu com o intuito de consolidar e promover a produção intelectual de nossa região, conferindo visibilidade profissional a tudo o que pulsa no cenário das letras: lançamentos de livros, saraus, feiras, rodas de conversa e demais movimentos culturais.

A iniciativa cria um espaço acolhedor e livre para que os autores discorram amplamente sobre suas obras, processos criativos, inspirações e trajetórias, em um bate-papo que equilibra leveza e profundidade. Mais do que um programa de entrevistas, o canal tornou-se uma verdadeira ponte de divulgação da escrita local e também da Bienal do Livro de Sergipe, estreitando conexões,

ampliando diálogos e amadurecendo o circuito literário estadual.

Até aqui, o projeto já recebeu renomados escritores e o objetivo é continuar recebendo o maior número possível de talentos, criando uma vitrine de oportunidades que foi essencial para o sucesso da Bienal de 2025 e agora fomentará a edição de 2027. Apoiado pelas empresas Gráfica e Editora J. Andrade e Livraria Leitura — parceiras que demonstram uma preocupação real com a cultura sergipana — o podcast é gravado no **Kendra Studio** com uma estrutura equivalente aos grandes estúdios do eixo Rio-São Paulo. A proposta reforça o compromisso de trazer excelência e alto padrão a todos os processos da cadeia do livro em Sergipe. Os episódios estão disponíveis no [youtube.com/@cafecomescritoressergipanos](https://www.youtube.com/@cafecomescritoressergipanos)



Robervan e Robério Santos



Cris Souza, Pascoal e Saracura



Olivia Leal e Edinete Santos

O caminho do engajamento orgânico ao reconhecimento nacional



O que muitos viam como um fenômeno restrito aos grandes eixos editoriais de São Paulo, Rio e Bahia, a 1ª Bienal do Livro de Sergipe evidenciou de forma incontestável: nosso estado possui uma rede sólida e vibrante de influenciadores literários. Esses criadores de conteúdo, que já desbravavam o cenário literário no cotidiano das plataformas, foram os arquitetos do engajamento que transformou a Bienal em um movimento orgânico com repercussão nacional. A sociedade sergipana finalmente conheceu uma força que já existia, mas que muitos acreditavam ser exclusividade de outros estados.

A potência desse movimento ecoou além das nossas fronteiras. Ao chegarmos na Bienal de Pernambuco, vivemos uma experiência marcante: o sucesso do nosso evento já repercutia nos bastidores. Em conversas com influenciadores de fora, a surpresa foi positiva, eles já estavam cientes do que aconteceu em Sergipe. O “barulho digital” feito pelos talentos locais cruzou a divisa e

colocou o estado no centro das conversas estratégicas do mercado literário.

Não resta a menor dúvida: o povo sergipano lê, e lê muito. Embora ainda se ouça a falácia de que “Sergipe lê pouco”, essa afirmação não se sustenta. Parece quase proposital que o sistema tente nos fazer acreditar nessa ideia, como naquela falácia de que uma mentira repetida várias vezes torna-se verdade. No entanto, os fatos provam o contrário, basta observar as livrarias cheias, as bibliotecas vivas, os diversos clubes de leitura e o expressivo volume de vendas em eventos literários. É claro que sempre há espaço para crescer e é por isso que mentes diversas trabalham em conjunto para alcançarmos o cenário ideal.

A Bienal ofereceu o palco merecido para que essa produção conquistasse de vez os feeds e as telas, desmistificando a ideia de que o fenômeno dos *book influencers* era uma realidade distante de nós. Através de *vlogs* no YouTube, registros no TikTok e coberturas em tempo real, esses produtores

mostraram que a literatura sergipana tem rosto, voz e uma comunidade fiel.

Entendendo que o futuro do livro também passa pela curadoria digital, a organização da Bienal convoca agora esses embaixadores para um debate inédito. O objetivo é claro: fortalecer a categoria, reconhecer quem já realiza esse trabalho com excelência e iniciar, com a devida organização, a construção das parcerias para 2027. O sucesso estrondoso de engajamento não foi obra do acaso, mas o reflexo de uma classe que cresce e profissionaliza nossa literatura a cada post.

Este debate estratégico marca o início de um planejamento conjunto para que, na próxima edição, nossa produção não apenas circule, mas lidere as conversas literárias em todo o país. A comissão organizadora dá, assim, um passo decisivo para ampliar essas parcerias, unindo a força de quem já estava no “campo de batalha” à estrutura de um evento que hoje é referência, inclusive, para os nossos vizinhos.

As cifras impressionam: o legado da Bienal do Livro de Sergipe para a economia do estado



A Bienal do Livro de Sergipe consolidou-se como um modelo de êxito absoluto, unindo recordes de vendas e de público em uma jornada inesquecível. Mais do que um encontro literário, o evento provou ser um verdadeiro motor de desenvolvimento, elevando a cultura e as finanças do estado a um novo patamar de excelência estratégica no turismo cultural e financeiro.

O crescimento nas redes sociais superou todas as expectativas, transformando o perfil oficial em um fenômeno digital que saltou de um círculo inicial de amigos para a marca de 5 mil seguidores em tempo recorde. Com um alcance impressionante, superior a 1 milhão e 300 mil visualizações, o planejamento focado em conteúdo orgânico e na conexão real com as pessoas demonstrou a força avassaladora do engajamento espontâneo. Esse impacto digital converteu-se diretamente em recordes de comercialização de obras e novos negócios dentro da economia criativa.

Os números reafirmam a grandiosidade e a musculatura do projeto. Aproximadamente 15 mil pessoas circularam nos três dias de programação, gerando uma movimentação financeira superior a R\$ 250 mil injetados diretamente no mercado local. Com mais de 36 horas de atividades ininterruptas e simultâneas, o cronograma abraçou desde o encantamento do público infantojuvenil até o debate técnico em rodas de conversa e palestras, oxigenando setores como o editorial, o artesanato, a hotelaria e a gastronomia.

Este triunfo não ficou restrito aos estandes. A Bienal projetou o turismo cultural de Sergipe para o cenário nacional e estabeleceu um espaço estratégico e permanente para o empreendedorismo regional. Como define a própria coordenação, o evento provou que a literatura é um ativo viável, potente e um pilar essencial para a identidade e o futuro desenvolvimento do nosso estado.



A parceria entre a Livraria Leitura e a Bienal do Livro que impulsiona a literatura sergipana

A Livraria Leitura (RioMar), sob a gestão de Neci Basto e um time exemplar, abraçou a 1ª Bienal do Livro de Sergipe desde o primeiro contato, estendendo esse apoio ao *Café com Escritores Sergipanos*, um *podcast* que movimenta autores locais e que serviu como ponte fundamental para a edição de 2025 da Bienal, mantendo esse propósito firme para 2027. Mais do que se fazer presente, a Leitura ofereceu um suporte integral, demonstrando uma preocupação genuína com cada detalhe do evento. Essa sinergia foi fundamental para o sucesso que se refletiu em números e, principalmente, no fortalecimento do mercado editorial.

Os resultados financeiros foram expressivos: mais de **R\$ 57 mil em vendas de livros**. Essas cifras superam todas as expectativas e revelam que os sergipanos são, de fato, leitores ávidos. Conseqüentemente, mais livros nas mãos significam a construção de uma sociedade melhor, maior integração social e um equilíbrio necessário diante do excesso de telas. O evento também desmistificou a ideia de que grandes livrarias competem com escritores independentes. A união entre ambos criou uma rede de colaboração mútua em que a livraria e o autor atraem públicos diversos, fidelizam o leitor e garantem que todos saiam ganhando.



Esse desempenho comercial evidencia o vigor cultural do nosso estado. A prova definitiva deste potencial é que a unidade da Leitura no RioMar Aracaju é, atualmente, a **terceira loja que mais cresce em toda a rede no Brasil**. Esse crescimento é visível no cotidiano, uma vez que é uma livraria sempre movimentada, com ambiente acolhedor e atendimento excepcional. Ao abrir espaço para livros de autores sergipanos nas prateleiras, coquetéis de lançamento, rodas de conversa, contação de histórias e diversos eventos, a Leitura se consolida

como uma potência na difusão da cultura em Sergipe.

Toda essa movimentação diária culmina na Bienal, um espaço de integração de diversas linguagens artísticas que a livraria ajuda a construir ao longo do ano. Diante disso, fica evidente o quanto feiras e festivais são vitais para movimentar essa junção de linguagens. Eventos dessa envergadura não apenas aproximam o público do livro, mas consolidam Sergipe como um polo de consumo e produção literária de destaque nacional.

Da janela para o mundo: o legado do projeto Livro Liberdade para a Alma

O que cabe em uma janela? Em dezembro de 2017, para a servidora pública Maria Cristina Santana de Jesus, cabiam exatamente 100 livros e um desejo profundo de transformar o ambiente de trabalho. O que começou como um desprezioso empréstimo de obras entre colegas na DESO (Companhia de Saneamento de Sergipe), floresceu e se tornou o programa “Livro Liberdade para a Alma”, uma das iniciativas de fomento à leitura mais orgânicas e potentes do estado.

Sete anos se passaram, os números impressionam e revelam a magnitude do projeto: Maria Cristina, a idealizadora e guardiã dessa semente, já coordenou a circulação de mais de 12 mil livros. O programa, que mantém o fluxo constante de empréstimos no ambiente corporativo, expandiu suas fronteiras e hoje marca presença em grandes eventos estaduais, em que a doação é o motor da transformação social. Cá para nós, livro não é barato, e esse projeto leva livro de graça aonde, muitas das vezes, a fronteira invisível da desigualdade não consegue



fomentar a literatura onde precisa florescer. Isso torna esse projeto magnífico.

Na recente Bienal do Livro de Sergipe, realizada no Museu da Gente Sergipana, o projeto demonstrou sua força logística e o carinho do público. Foram **1.037 livros doados aos visitantes** e um retorno de solidariedade com a arrecadação de 500 novos exemplares para o

acervo, garantindo que a roda da leitura continue a girar.

Para que um livro chegue às mãos de um leitor em um evento distante, existe uma “Engenharia do Cuidado”. A DESO consolidou-se como a maior patrocinadora e apoiadora do programa, garantindo a logística necessária para que os livros atravessassem as fronteiras das prateleiras dos escritórios e cheguem às praças, escolas e feiras literárias. Essa parceria prova que a responsabilidade social de uma empresa pública vai além de seus serviços essenciais; passa pela irrigação intelectual da sociedade.

A perspectiva é de crescimento. Com o apoio contínuo da DESO e o reconhecimento da comunidade, o plano agora é a ampliação da sala do projeto. O objetivo é criar um espaço mais acolhedor e estruturado para receber os leitores, transformando o local em um lugar adequado para quem busca na literatura uma nova perspectiva de vida. O projeto de Maria Cristina é a prova viva de que o planejamento sensível, aliado à disciplina de uma servidora dedicada, pode criar um mundo melhor.

O olhar de um Prêmio Jabuti que esteve na Bienal de Sergipe



A primeira edição da Bienal do Livro de Sergipe foi um dos grandes momentos da literatura no Nordeste, realizada nos dias 18, 19 e 20 de setembro de 2025. A região, que é historicamente rica em produção, mas muitas vezes escanteada quando se trata de espaços de debate sobre o livro no seu próprio território, vem quebrando tal paradigma nos últimos anos e se consolidando como um grande centro de fruição e fomento à leitura e à literatura.

Sergipe, a partir de sua Bienal, entra definitivamente no circuito de eventos calendarizados do país e cabe a todos nós festejar essa conquista. Foi uma imensa honra fazer parte desta festa, trazendo um tanto de minhas vivências do sertão cearense e do fazer independente do livro, que é a marca do meu trabalho literário.

Com uma programação diversificada, pude conhecer as mais variadas frentes da produção literária sergipana, que há tempos merecia mais esse espaço para difundir e defender as suas letras. Fui muito bem recebido pela organização e o povo sergipano



me acolheu com enorme carinho. Durante o evento, pude falar dos meus livros, autografar, conhecer um pouco da gastronomia local e visitar pontos turísticos e livrarias. Sabe aquela sensação de estar em casa, de querer ficar mais dias e de pertencimento? O sentimento foi exatamente esse o tempo todo.

O Museu da Gente Sergipana, um lugar incrível e acolhedor, abraçou a ideia e as coisas fluíram da melhor maneira possível. Participei da roda de conversa sobre a literatura de Luiz Gonzaga, afinal, muito se

fala da música, mas a literatura dessa voz nordestina é vasta. Ao lado do Secretário de Cultura, Sr. Paulo, e de Matheus Corrêa, duas figuras centrais para a difusão da cultura sergipana, fizemos um debate sensacional. Além dessas e de outras atividades, os dois dias da minha participação foram um verdadeiro deleite de trocas ricas.

Vida longa à Bienal do Livro de Sergipe! Com certeza, quero voltar mais vezes.

Maílson Furtado, Prêmio Jabuti 2018

Minha história, a literatura no caminho do retorno às origens

Em 2025, a primeira Bienal de Sergipe marcou um momento histórico para a cultura sergipana, reunindo autores, leitores e educadores em uma celebração vibrante da literatura. Entre os participantes, estive muito honrada e agradecida pela oportunidade de voltar à minha região Nordeste como escritora, entregando-me por inteiro a cada troca. Levei ao público o lançamento do livro de haikais, *Bucólicos*, e o pré-lançamento do livro infantojuvenil *Xii Ka ka – entre silêncios e gargalhadas*. Além disso, participar da última roda de conversa junto ao escritor e jornalista Gustavo Aragão, cujo enfoque foi o letramento literário e a educação nas escolas públicas brasileiras, foi uma experiência incrível.

Minha participação na Bienal representou mais do que a divulgação de obras literárias: foi um encontro de afetos, ideias e experiências que reafirmaram o poder transformador da leitura. *Bucólicos*, com sua abordagem sensível e campestre em formato de haikais, despertou o interesse de leitores de diferentes idades, enquanto *Xii Ka ka* provocou curiosidade e expectativa por sua abordagem ancestral e familiar sobre temas humanos e cotidianos. Dialogar sobre letramento e educação ao lado de Gustavo Aragão foi um momento inspirador,



em que foi possível destacar a importância de formar leitores críticos e sensíveis, capazes de compreender a literatura como espaço de escuta, reflexão e construção de identidade. Essa troca reforçou o compromisso com a democratização da leitura e com o fortalecimento das práticas literárias nas escolas e comunidades.

O acolhimento do público sergipano foi um dos pontos altos da Bienal. Leitores, professores e estudantes demonstraram entusiasmo e engajamento, confirmando o vigor da cena literária local. O evento evidenciou o quanto Sergipe valoriza a educação e reconhece a literatura como ferramenta es-

sencial para o desenvolvimento humano e social. Participar da primeira Bienal de Sergipe me fez consolidar a trajetória como uma escritora e professora comprometida com a promoção da leitura e com o incentivo à produção literária regional. Minha atuação, tanto nas obras apresentadas quanto nas discussões sobre letramento, só reafirma a literatura como espaço de encontro, partilha e transformação.

Foi e é através da educação e da literatura que me encontro. Mesmo morando em SP, o Nordeste é logo ali; é a minha história. A primeira Bienal de Sergipe não apenas celebrou livros e autores, mas também fortaleceu laços entre quem escreve, quem lê e quem acredita que a comunicação é um meio de vida e a literatura, o caminho de casa. Em um país onde a leitura parece alheia e o letramento vira pauta urgente, é preciso reiterar a importância das bienais que, para além do mercado, propagam o livro como propósito para a vida. A primeira Bienal de Sergipe realizada em Aracaju foi um sucesso de autenticidade e comprometimento. Gratidão é o que transborda. E eu espero (de esperar) poder participar das próximas edições.

Márcia Neves. escritora e professora

Sustentabilidade na prática: do papel ao plantio

A sustentabilidade na Bienal deixou de ser um conceito abstrato para se tornar diretriz editorial e educativa. Essa postura começou na base da produção: todo o material gráfico do evento foi impresso pela **Gráfica J. Andrade** em papel com certificação **Forest Stewardship Council (FSC)**, selo internacional que assegura que cada página distribuída tivesse origem em um manejo florestal estritamente responsável.

Esse compromisso com o futuro de Sergipe estendeu-se ao campo da inovação através do **Instituto Federal de Sergipe (IFS)**. Com o **Projeto Ecotech**, o público

pôde experienciar como a união entre ciência, tecnologia e educação ambiental capacita jovens a solucionar desafios socioambientais reais do nosso território.

Complementando essa jornada educativa com ação direta, a **Companhia de Saneamento de Sergipe (Deso)** promoveu o projeto **Deso + Verde**, realizando a doação de mudas de árvores nativas e estimulando o reflorestamento prático em nossa região.

Assim, entre livros, debates e encontros culturais, a Bienal reafirmou que a cultura de um povo é indissociável da preservação do seu chão. Mais do que um evento

literário, consolidamos um espaço onde a consciência ambiental é semeada em cada detalhe da estrutura e em cada muda entregue ao cidadão. É a sensação de abrir um livro e perceber que aquelas páginas foram feitas com o cuidado de quem se preocupa com as futuras gerações.



Bienal de Sergipe desembarca em Pernambuco para fortalecer as conexões para a edição de 2027

Após o sucesso da 1ª Bienal do Livro de Sergipe, as articulações para as próximas edições já começaram. Nada mais justo do que compreender o que nossos irmãos pernambucanos realizam há 30 anos na Bienal Internacional do Livro. O objetivo é visualizar inovações, filtrar e agregar ao nosso próprio costume; afinal, a roda já existe e não precisamos reinventá-la, mas sim adaptá-la à nossa essência. Embarcamos nessa jornada a convite de Rodrigo Andrade, patrocinador e entusiasta da Bienal e de tantos outros projetos culturais e literários no estado que, através desta parceria, busca potencializar ainda mais o evento.

A visita teve como foco estabelecer contatos, analisar tendências e absorver experiências que possam ser aplicadas na Bienal de Sergipe de 2027. Realizamos diversos encontros estratégicos, alguns articulados por Denilson Vieira, diretor do Coletivo de Escritores Independentes do Brasil. Na ocasião, fomos apresentados ao Secretário Nacional de Formação, Livro e Leitura do Ministério da Cultura (MinC), Fabiano dos Santos Piúba.

Durante o encontro, entregamos o kit da Bienal (produzido pela Gráfica e Editora



J. Andrade) e compartilhamos o sucesso do evento. O impacto foi tão positivo que recebemos do próprio secretário o convite para irmos até Brasília apresentar o projeto oficial para a edição 2027. O gesto da entrega do cartão de visitas selou esse convite de forma marcante.

Com tom bem-humorado, ao nos entregar seu último cartão físico, o secretário brincou: "Vocês me deixaram 'descartona-

do'!". Entre risos, ele completou dizendo que aquilo era um excelente sinal. A simbologia desse gesto funciona como um verdadeiro "passaporte" para uma parceria frutífera direta entre o Governo Federal e a Bienal do Livro de Sergipe.

Foi um momento promissor, que reforça o potencial de Sergipe no circuito não só nordestino, mas de todo o Brasil. Seguiremos visitando outras bienais para fortalecer a nossa. Ainda no evento, dialogamos com a organização da Bienal de Pernambuco e conversamos com influenciadores literários que já conheciam a nossa trajetória através do escritor Maílson Furtado, vencedor do Prêmio Jabuti 2018. Ele participou da edição sergipana e, logo após, da pernambucana, levando "boas novas" sobre o sucesso dos sergipanos arretados, que sabem recepcionar tão bem seus convidados.

Fotografamos cada detalhe, pois as boas ideias devem ser apreciadas e adaptadas à nossa realidade. A meta é percorrer as principais bienais do país para somar experiências à nossa particularidade sergipana, criando um evento cada vez maior, simbólico e inesquecível.

O cordel como protagonista na Bienal do Livro de Sergipe com Zezé de Boquim e Salete Nascimento



A literatura de cordel não foi apenas convidada na 1ª Bienal do Livro de Sergipe, mas sim o alicerce da nossa identidade. É assim que deve ser em todos os eventos: máximo respeito à literatura da nossa gente. Em um evento que uniu planejamento e acolhimento, o cordel ocupou o centro para lembrar que a rima e a métrica são ferramentas de uma hospitalidade ancestral.

A programação foi coroada pela força da Rainha do Cordel, **Salete Nascimento**, que com sua voz vibrante provou que a tradição é um organismo vivo, capaz de se renovar e conectar gerações. Ao seu lado, a presença do mestre **Zezé de Boquim** trouxe o peso da história viva no auge dos seus 90 anos. Sob seu tradicional chapéu de couro, ele personificou a “engenharia da memória” em forma de verso. Juntos, reafirmaram a máxima de Euclides da Cunha: o nordestino é, antes de tudo, um forte — um povo aguerrido que transforma a vida em poesia.

Ocupar a programação da Bienal com o cordel é também um ato estratégico de formação de leitores. Para muitos jovens, o primeiro contato com a literatura sergipana acontece através da musicalidade do verso rimado. Ao verem o folheto no barbante, as crianças descobrem que ler não é uma tarefa difícil, mas um encontro festivo com as raízes. O cordel humaniza o livro e desperta o desejo de conhecer outros autores do nosso Estado.

Muito além de uma imagem emblemática, o cordel é o escudo e o grito de um povo que não se cala. O cordel como destaque na Bienal foi uma afirmação de prestígio. Zezé e Salete mostraram que planejar um verso exige a mesma disciplina de quem projeta



um grande evento; é preciso domínio técnico para que a emoção flua sem tropeços.

Boquim expôs seu célebre livro, que narra a história dos 75 municípios de Sergipe, incentivando os leitores a conhecerem mais o nosso estado. O autor já publicou mais de 200 livros de cordel e, juntamente com Salete e outros cordelistas, compõe o patrimônio vivo de Sergipe. O cordel é extremamente acessível, com valores simbólicos — a maioria custa R\$ 5,00. A proposta é educar e fazer com que novos leitores surjam a partir da acessibilidade desse gênero; por isso, possuem valores simbólicos. Quando os cordelistas identificam que os alunos, muitas vezes, não têm recursos, brincam: “da próxima vez você paga, pode levar, é um presente; agora me prometa

que vai ler”. Ninguém sai do estande sem o cordel, porque o propósito é fazer com que essa literatura chegue ao maior número de pessoas, reafirmando-se como resistência.

Mesmo com grandes livros atrativos nas prateleiras das livrarias e influenciadores famosos, o cordel resiste ao tempo e à tecnologia dos e-books, mostrando a força da cultura de um povo.

A Bienal reafirmou que o cordel é a literatura matricial, que dá início às outras. Esta edição foi o prelúdio para 2027, desenhando um cenário onde o folheto de feira e o livro de capa dura dividem o mesmo patamar de importância. A passagem desses mestres foi o “abraço invisível” que uniu rigor e calor humano, salvaguardando a alma de Sergipe.

Cuidar é um ato coletivo: a experiência de saúde na Bienal

A engenharia de um grande evento literário transcende a montagem de estandes e a curadoria de palcos; ela exige uma visão sistêmica sobre o bem-estar e a integridade do público. No



planejamento cultural, a pauta da saúde não é um item acessório, mas um protocolo de segurança fundamental que, embora muitas vezes silencioso, como as instruções de voo que precedem uma decolagem, constitui a base que permite ao evento fluir com estabilidade e confiança.

Nesta edição, essa retaguarda estratégica foi viabilizada pelo suporte especializado da Multisoftsaude. Durante toda a programação, a parceria assegurou uma infraestrutura de pronto atendimento capaz de realizar monitoramentos essenciais, como aferição de pressão arterial, dosagem de glicose e o acompanhamento da saturação de oxigênio. Mais do que reagir a eventuais intercorrências, a presença de uma equipe técnica qua-

lificada estabeleceu um ambiente de prevenção ativa.

Iniciativas dessa natureza são vitais para desmistificar o acesso à saúde, retirando-o de um lugar de receio ou complexidade e integrando-o ao cotidiano. O impacto dessa escolha foi mensurável: o estande tornou-se um ponto de diálogo, onde a assistência técnica cedeu espaço à orientação humanizada.

Ao priorizar o suporte profissional, a Bienal reafirma que o respeito à vida é a premissa para qualquer celebração intelectual. Com a segurança garantida, o público pôde mergulhar na programação literária com a tranquilidade de quem sabe que o cuidado, na prática, é um compromisso compartilhado por todos



Ele tinha a sombra de uma mangueira e um sonho, e trouxe o povo do mundo todo

Eu acompanhei John Santos, às vezes de perto e outras de mais longe, na sua trajetória ousada de realizar em Sergipe o que outros estados (Alagoas, Bahia, São Paulo, Rio) fazem há anos: uma grande feira de livro, uma bienal. Lembro que, em uma reunião na Biblioteca Pública Epifânio Dória, eu disse a John: “Quando você estiver desanimado, já prevendo o caminho das pedras, me ligue, que a gente prosa e encontra uma saída para essa utopia que sei que vai acontecer”.

Santos tinha experiência, inclusive de duas edições da Bienal de Lagarto e outros eventos importantes para o estado, que comandou profissionalmente. Inspirou-se na ousadia de Itabaiana, que faz uma bienal regional há quinze anos. Sergipe já teve uma feira de grande porte, a Feira de Leitura e do Livro de Sergipe (FLISE), que um grupo de professores ativistas culturais, liderado por Gustavo Aragão, realizou em Aracaju de 06 a 08 de novembro de 2015. O evento jamais foi esquecido pelo brilho que produziu, mas não saiu da primeira edição. E como a história segue adiante, Sergipe celebrou a chegada da primeira Bienal do Livro que englobou todos os 75 municípios do estado, ousada, revolucionária, que aconteceu no Museu da Gente Sergipana nos dias 18, 19 e 20 de setembro de 2025.

Conseguiu somente um pedaço do estacionamento do Museu da Gente Sergipana; ele tinha a sombra de uma mangueira e um sonho. Mesmo assim, comemorou, realizou um grande evento e suscitou esse desejo antigo de nós, escritores, de termos um evento desse porte. Juntou o carisma do museu à responsabilidade da comissão organizadora e deu no que deu: sucesso total.



Buscou o apoio do poder econômico e do poder político. Conseguiu muito pouco e, desse pouco, fez um verdadeiro malabarismo, empenhando recursos próprios que nem tinha. Ainda hoje paga dívida... Mesmo diante disso, transformou os obstáculos e realizou, com sua equipe, um genuíno evento. Eu abandonaria o projeto nessa insegurança, mas John abraçou-se à utopia e, com seu carisma, incentivou muita gente a viver esse sonho com ele e seguiu firme. Nunca falou em desistir, nem recuava da estrutura que, na cabeça dele, deveria existir nessa perspectiva de profissionalismo.

Montou palcos, toldos, iluminação, som, gabinetes... Povoou os espaços com livrarias, escritores e artistas. Trouxe para a festa o ganhador do Prêmio Jabuti 2018, o poeta do Ceará, Maílson Furtado, estrela do país que se fez presente por dois dias, autografando suas obras e conversando com os fãs. Conheceu livrarias, conheceu

a cultura... Viveu Sergipe no Museu da Gente Sergipana.

Montou um staff operacional que cuidou para nenhuma linha voar do novelo, dando segurança e transparência ao universo que todos achavam que seria tímido, mas de tímido não teve nada. Atraiu a grande mídia todos os dias: manhã, tarde e noite. Nunca vi algo igual, mas já tinha dito que a sociedade sergipana estava com sede de um evento desse gabarito.

Trouxe para a I Bienal do Livro de Sergipe o povo do mundo todo, que comprou livros como nunca pensei que fosse possível, tantos, fazendo filas diante das mesas dos escritores, atravancando o tráfego nos corredores, sufocando os caixas da livraria atônita. Seu Zezé de Boquim, perplexo, disse: “Saracura, nunca vendi tanto cordel na minha vida de 45 anos de estrada em um só evento como vendi na Bienal. Passou de dois mil”.

Eu, Saracura, estive o tempo todo vendendo meus livros, e como os vendi! “O Menino Amarelo de Itabaiana” ganhou vida mesmo antes do evento; uma animação que fizeram, o personagem de minha obra ganhando vida e convidando as pessoas para a Bienal. Essa turma muito inteligente usa a tecnologia, e eu nem sei como fazem isso. Só sei que fiquei emocionado com tamanha criatividade... E reencontrei amigos que nunca imaginei; nem nos meus melhores sonhos achei que viessem, trouxessem a família e saíssem tão satisfeitos – alguns nem saem fácil de casa, e foram muitos.

Parabéns, John, pelo sucesso da I Bienal do Livro de Sergipe. Que consiga agora as indispensáveis parcerias para as edições que vêm. Que a Bienal do Livro de Sergipe seja eterna!

Antônio Saracura, escritor



A grande mídia destaca o evento que revelou aos sergipanos a força da sua própria literatura

11

I BIENAL DO LIVRO DE SERGIPE



Por décadas, assistimos do sofá de casa às reportagens sobre as Bienais de São Paulo, Rio, Bahia. Olhávamos para aquelas imagens com “água na boca”, sonhando com o dia em que o sotaque e as letras de Sergipe ocupariam o mesmo espaço de destaque. Em 2025, esse dia finalmente chegou: nós fomos a notícia. A grande mídia tradicional deu uma atenção genuína à nossa 1ª Bienal do Livro. Nas redes sociais já éramos sucesso, mas nosso objetivo era alcançar todos os meios de comunicação. A seriedade do projeto, a curadoria de membros com *know-how* na área e o cenário imponente do Museu da Gente Sergipana mostraram aos veículos de comunicação que estávamos entregando um evento de altíssimo nível.

Durante os três dias, 18, 19 e 20 de setembro, a literatura sergipana foi pauta constante no rádio e nas telas da



Programa Expressão, TV Aperipê.

TV Sergipe, TV Atalaia, TV Aperipê, TV UFS e TV Alese. A cobertura em tempo integral e o destaque no horário nobre fizeram toda a diferença: levaram as famílias sergipanas a saírem de seus lares para viver a experiência da Bienal, e quem não

conseguiu ir aproveitou do conforto de sua casa. Não fomos apenas um “intervalo” comercial; fomos o conteúdo principal. Ver a nossa Bienal na TV, com a mesma dignidade dos grandes centros, validou o esforço de cada voz dessa construção coletiva. A mídia entendeu que a Bienal é um patrimônio do estado e, ao abrir esse espaço, ajudou a democratizar o acesso ao livro para milhares de pessoas e a aumentar sua audiência.



SETV, TV Sergipe.

O compromisso do Prêmio Sergipe Literário com o universo das letras vai além do troféu

A 1ª Bienal do Livro de Sergipe nasceu sob o horizonte da ousadia e do planejamento profissional. Entre os diversos projetos que orbitam esse grande encontro, um dos mais aguardados é o **Prêmio Sergipe Literário**, iniciativa que visa valorizar escritores, promovendo o reconhecimento público e a difusão da nossa produção intelectual. Embora a estrutura do projeto já estivesse formatada, a organização optou pela cautela, elemento indispensável quando o assunto é o patrimônio artístico de um estado.

Criar uma premiação séria exige rigor e ética. Por isso, a decisão estratégica foi amadurecer a proposta, dialogar com setores para que o lançamento oficial ocorra na Bienal de 2027. No decorrer de 2026 será realizada a curadoria, a fim de estruturar um Conselho Editorial técnico, artístico e imparcial. Não se trata apenas de entregar troféus, mas de construir um marco que perdure por gerações.

O prêmio foi pensado e desenhado para abraçar toda cadeia do livro. Além das categorias tradicionais, como **Melhor Livro do Ano** e **Escritor Revelação**, a premiação inova ao dar visibilidade a figuras fundamentais: o **Leitor do Ano**, a **Academia de Letras Destaque** e mediadores essenciais, como bibliotecários,



professores, contadores de histórias e produtores culturais. Haverá também um espaço de honra para o fomento, reconhecendo o setor empresarial e a classe política que apoiam a literatura.

A relevância deste prêmio passa pelo funil da transparência. O objetivo é que o troféu seja um selo de excelência, um “carimbo” de qualidade que transforme

a trajetória dos premiados e fortaleça a identidade cultural de Sergipe no cenário nacional.

A semente foi plantada em 2025, quando confeccionamos o protótipo físico do prêmio que está na foto. Poderíamos ter lançado o projeto naquele momento, sob o pretexto de que, “por ser o primeiro, qualquer falha seria justificável”. No entanto, prevaleceu a ética profissional. Rejeitamos o hábito comum de realizar eventos “de qualquer jeito” para depois usar o velho argumento de que “na primeira vez é assim mesmo, depois melhora”.

A arte e a cultura merecem respeito. As pessoas investem seu tempo e acreditam nos processos porque esperam seriedade. Por isso, apresentamos o prêmio agora, em 2026, com o gabarito e a autoridade conquistados pelo sucesso da Bienal. Esse tempo de maturação permitirá que todos os interessados leiam o edital e se integrem ao processo com a antecedência necessária.

O protótipo criado anteriormente capturou a energia daquele momento e agora ressurgiu para fomentar o entusiasmo rumo a 2027. O **Prêmio Sergipe Literário** acompanhará a Bienal como um compromisso contínuo com o futuro das nossas letras. Preparem suas obras: 2027 será o ano da nossa grande celebração.



Eliminar os ruídos e focar na entrega, porque quem acredita sempre alcança

Por John Santos

Viajar 60 km no porta-malas de um carro para não perder uma reunião estratégica é só um dos “perrengues” que nós, fazedores de cultura, enfrentamos para tentar tornar a sociedade um lugar melhor. Esse fato é bastante emblemático para mim porque sinalizou se eu estava disposto a continuar e pagar esse preço e tantos outros até celebrar o sucesso que foi a **Bienal do Livro de Sergipe**. A partir daí, nada mais me abalou. O que foi entregue nesse evento inaugurou um movimento divisor de águas na literatura sergipana. Ao olhar para trás, é impossível não lembrar do verso de Belchior: “Sem parente importante e vindo do interior”. Era exatamente assim que eu me sentia ao pegar o táxi lotação do Rosa Elze até a Praça da Bandeira, completando a pé o resto do trajeto até o Museu da Gente, não somente porque gosto de caminhar, um andarilho como diz Saracura, mas, nesse caso, exclusivamente para economizar a pouca grana que ainda me restava.

Afinal, são 10 anos investindo na cultura e na literatura, não tem bolso que aguente, sobretudo longe da influência dos editais e sem apadrinhamento e conchavos políticos. Mas movido, sobretudo, pela ideia de pagar meu “dízimo” à sociedade em forma de projeto, para quem sabe, quiçá, visualizar e viver em um mundo mais justo. Os sábios mais velhos dizem que não podemos passar pela vida sem fazer algo relevante pelo coletivo, e aqui estamos nós, na labuta, esperançosos, dia a dia, realizando mesmo com poucos apoios, mas movidos pelo ideal de transformação de uma juventude que anseia e quer cultura, literatura. Portanto, a quem decidiu sair da zona de conforto para exercitar o que a Bíblia cita em muitas passagens, servir ao outro, está fazendo a parte que cabe para um mundo melhor, por isso Bem-aventurados sejamos nós guerreiros e guerreiras que vêm mudando o curso da humanidade com a coragem de entregar nosso tempo, recurso mais precioso, e, quase sempre, o próprio dinheiro em prol de projetos sociais que transformam vidas.

Nesse contexto, gastei muita energia precisando provar o tempo inteiro que era capaz de realizar a tão esperada **1ª Bienal do Livro de Sergipe**, porque um evento des-se exige engajar diversos setores e, mesmo já tendo realizado diversos outros eventos independentes com estrutura de grandes festivais, parece que, dependendo de onde saímos ou de quem somos parentes, precisamos o tempo todo validar nossa capacidade de pensar e realizar. Foi exaustivo ter que demonstrar a todo momento minha capacidade de articulação. Quantas vezes, durante esse processo, me questioneei: será que quem detém o poder, e de fato pode ajudar a melhorar a sociedade, finge que não vê tantos projetos nascerem e ao mesmo tempo morrerem por falta de incentivo? Como sergipano e brasileiro, quero acreditar que não, que essa amnésia é efêmera e não passa de um emaranhado de informações desconstruídas e que, logo, esses movimentos que estamos fazendo e os resultados colhidos



ampliarão e trarão um olhar mais atento de quem pode contribuir com essas mudanças.

Porém, mesmo sendo otimista, nas madrugadas fatídicas após dias de vários “nãos”, trancafiado em lugar insalubre, lar temporário, com pouca ventilação e muitos ruídos na cabeça, barulhos que eu já não sabia se eram das muriçocas, dos morcegos ou das pessoas que não queriam que esse evento acontecesse, as falácias chegavam de todos os lados. Essa mistura de informações é uma arma fatal para a sanidade mental, mas exercitava plenamente a máxima do filósofo alemão Nietzsche: “O que não me mata me fortalece”. Diante disso, eu resgato a memória que de onde eu venho aprendi desde criança a encarar a vida com coragem e sabedoria de um adulto, não com a birra de uma criança, o que me manteve firme no propósito.

Mesmo com todos esses entraves, eu recordava de um tempo atrás, das vezes em que tinha que fazer uma programação miraculosa para chegar até uma livraria na capital e ainda escolher entre assistir a um filme no cinema ou comprar um livro, já que o dinheiro quase nunca dava para os dois. Quem é de cidade de interior sabe o que estou falando. Literatura era e ainda continua sendo caro, infelizmente. Por isso que estamos lutando pela democratização. Talvez se o livro fosse mais acessível, eu teria escolhido os dois; é difícil ter que escolher, ter o alimento do corpo em uma mão e o alimento da alma na outra, em uma balança que inclina mais sempre para um lado. Eu seguia mais obstinado, ainda com mais força, quando resgato essas memórias, colocando ainda mais força na urgência da realização desse evento, que não poderia ficar para depois como muita gente queria, pois ele forma novos leitores e amplia o acesso à literatura, para que a juventude não precise escolher entre o livro ou um lanche, mas possa ter acesso aos dois, três, infinitas possibilidades.

Um evento dessa magnitude dá oportunidade à distribuição da vasta produção sergipana, que precisa desse espaço não só para ser reconhecida em outros estados, mas

também para mostrar que Sergipe tem um grande evento literário, com uma escrita tão rica em qualidade quanto em quantidade. Se estados vizinhos como Pernambuco e Bahia organizam suas Bienais há mais de 30 anos e o circuito Rio-São Paulo há mais de 50, por que Sergipe, com tantos nomes na literatura nacional e mundial, ainda não tinha a sua? Desde 2015 eu me faço essa pergunta e, para encontrar essa resposta, decidi sair da teoria, dos manuais e ir para a prática. Por isso idealizei, realizei e me lancei ao mar, navegando pelas ondas do Rio Sergipe, dialogando com gregos e troianos em prol de algo que transcende o pessoal e se torna patrimônio de um estado. Ou seja, a Bienal ficou conhecida por ser organizada em 3 meses, mas eu já vinha fazendo um trabalho forte de base há 8 meses, somada à experiência da de Lagarto e outros eventos.

A força para continuar, não desistir e ter um único plano focado para não hesitar no momento de crise é fundamental, porque quando se tem plano B, C ou D, a crise faz você mudar de rota sendo que nem tinha esgotado todos os recursos possíveis, por isso eu tinha apenas o plano A. Não hesitei em momento algum. Nos dias exaustivos, orava pedindo forças a Deus e, quando conseguia dormir uma noite completa, acordava melhor, analisava e fazia uma releitura das minhas vivências para continuar firme no propósito. Lá atrás, para realizar algumas utopias, vendi bens pessoais que minha família nunca compreendeu, mas eu entendia que aquilo teria mais sentido se eu dividisse em prol de beneficiar o coletivo. Não vim ao mundo para acumular bens sabendo que esses recursos podem mudar vidas e tirar tantos jovens e adolescentes de caminhos tortuosos, por isso carreguei comigo a máxima que verdadeiramente me traduz: “a felicidade só é real quando compartilhada”.

E se o livro, a leitura e a cultura no geral mudaram minha vida, eu quero e tenho o dever moral de compartilhar com o máximo de pessoas possíveis, e para isso entra o esforço e as renúncias em prol do coletivo. Fiz, faço e farei quantas vezes for preciso, com a mesma seriedade com que uma criança leva a sério uma brincadeira e também se diverte. Nós adultos estamos levando as coisas a sério apenas no que é imponente e esquecemos a outra parte. E “nunca em hipótese nenhuma digam às crianças que sonhos são bobagens; seria uma tragédia se elas acreditassem nisso”. Infelizmente, me disseram isso lá atrás, e me disseram agora e provavelmente vão continuar me dizendo, e dizendo a todos vocês que também têm esse mesmo propósito de mudar algo. É isso que grande parte da sociedade faz: tentar nos desestimular a qualquer custo dos nossos sonhos, afinal elas herdaram apenas a seriedade da vida e esqueceram que se divertir no processo é importante, por isso criaram um casulo e também tentam desacreditar o outro. Mas eu não acreditei nessa “gente careta e covarde”, como diz o poeta Cazuzu, e não aconselho ninguém a acreditar. Quando me reiteraram que a Bienal não daria certo

por “falta de influência”, resgatei vivências, me blindei e mostrei que é possível, sim.

Lembro-me de um gesto que me resgata sempre que penso em mudar a rota. Anos atrás, formulei uma outra utopia com orçamento previsto para gastar mais de 100 mil reais, agora perguntem quanto tínhamos, e ainda éramos estudantes do ensino médio, isso já diz muito. Uma amiga, membro da equipe que morava na periferia e tinha condições financeiras delicadas, acreditava como ninguém na ideia de mudar a sociedade por meio da educação, da cultura e literatura. Era isso que fazíamos: realizávamos diversos projetos, rodas de conversas nas praças, escolas, eventos culturais, um grupo de jovens que não queria se render ao sistema. Em uma tarde fatídica de quinta-feira, eu lembro o dia, quando o cerco se fechava e o grupo estava com poucos recursos, ela apareceu na sede, em um ato heroico de esperança com lágrimas nos olhos e disse: “John, eu trouxe aqui 2 reais que eram do lanche do meu irmão-zinho na escola, porque eu acredito no que estamos fazendo”. Aquela fala ainda ecoa. Aqueles 2 reais, na escala de valores que precisávamos honrar, eram como uma agulha no palheiro, mas o gesto em si, semelhante à gota de água que o beija-flor leva para apagar um incêndio de grandes proporções, foi o suficiente para energizar todo o grupo. Como líder, fui tomado pela força da união para ir à luta, porque somos a soma das nossas vivências.

O segredo do sucesso da Bienal foi silenciar as vozes estridentes, que eram muitas, e os supostos “conselhos construtivos”. Como diz Chico César: “Deus me proteja de mim e da maldade de gente boa”. Encontrei muitos egos pelo caminho, mas também pessoas que abraçaram o projeto, acolheram minhas lágrimas, minha biografia como produtor cultural e confiaram que colocar Sergipe na rota dos grandes eventos literários era urgente e necessário, uma missão. No auge do cansaço, quando o corpo entra no automático e o momento é mais crítico, Deus sempre nos mostra uma luz. Ver a felicidade das pessoas, ouvir comentários positivos no ponto de ônibus, a expectativa dessas pessoas em voz alta, nos motivava a seguir. Ver autores que lançariam seu primeiro livro participando do processo da primeira Bienal nos tira do “piloto automático” e nos traz de volta para aquele início, fazendo a gente voltar a dançar com um pouco de otimismo no meio do caos para chegar à materialização final do evento, sereno.

No dia, ouvir alguém dizer “antes vínhamos às bienais de fora e ficávamos babando, hoje temos a nossa própria” encheu-me de satisfação e alegria. Isso foi a confirmação coletiva de que o objetivo foi cumprido. Ocupar o Museu da Gente Sergipana com livros foi um ato disruptivo. O museu já nasceu vivo, dialogando com o presente. Ao levarmos a Bienal para lá, somamos a voz da literatura a esse ecossistema que pulsa o antigo e o moderno na mesma batida. Foi a prova de que nossa gestão independente possui o rigor técnico para realizar um evento de alta performance em sintonia com um prédio histórico, respeitando sua preservação e superando a logística de um tempo recorde. O que entregamos não foi apenas um evento, foi um manifesto. O turismo cultural em nosso estado, com a Bienal, ficou com seu potencial ainda mais evidente. Quando a literatura ocupa a casa da nossa identidade, ela deixa de ser apenas papel e tinta para se tornar o espelho de quem somos e o mapa de tudo o que ainda podemos ser.

Palavras que habitam Sergipe : o registro de um marco histórico na literatura sergipana



Mais do que um evento, a 1ª Bienal do Livro de Sergipe foi um movimento de ocupação cultural que pulsou no coração do Museu da Gente Sergipana. Para eternizar essa jornada, nasce o documentário ‘Palavras que Habitam Sergipe’, uma obra audiovisual que mergulha nos bastidores, nos encontros e no legado deixado por este capítulo histórico da nossa literatura.

FICHA TÉCNICA

Documentário

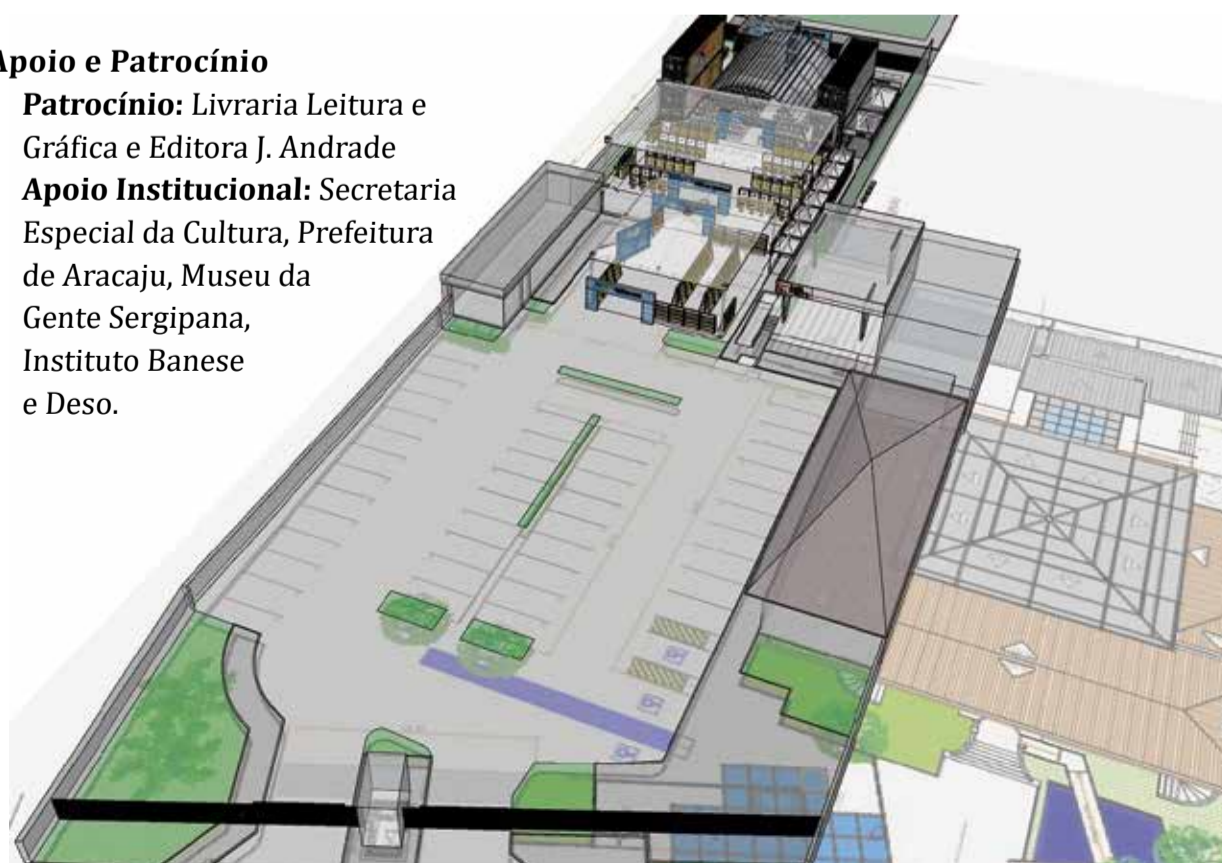
Palavras que Habitam Sergipe

- **Assunto:** Bastidores e Legado da 1ª Bienal do Livro de Sergipe
- **Produção:** Boomerang Creative Studio
- **Apresentação:** Clara Duarte
- **Direção Geral:** John Santos
- **Direção de Mídia:** ME Assessoria Literária
- **Filmmaker:** Kalil Silva
- **Edição:** Kalil Silva e Akin Fontes
- **Assistente de Câmera:** Akin Fontes

Apoio e Patrocínio

- **Patrocínio:** Livraria Leitura e Gráfica e Editora J. Andrade
- **Apoio Institucional:** Secretaria Especial da Cultura, Prefeitura de Aracaju, Museu da Gente Sergipana, Instituto Banese e Deso.

ACESSE O QR CODE E ACESSE
O CANAL DO ESCRITOR SERGIPANO



14

I BIENAL DO LIVRO DE
SERGIPE



A Bienal do Livro de Sergipe 2027 ganha um novo lar

Serão cinco dias inteirinhos dedicados à literatura e a diversas linguagens artísticas. Saímos de um espaço de 200 m² pelo qual somos muitíssimo gratos, mas o projeto ganhou uma dimensão gigante. Por isso, em 2027, ocuparemos uma área de 5 mil metros quadrados, e o palco da nossa festa literária é o Centro de Convenções AM Malls, que dispensa comentários, um espaço que sedia grandes eventos nacionais e internacionais. O objetivo é melhorar ainda mais a experiência da Bienal com grandes parcerias e grandes artistas e escritores de renome nacional.

DE 04 A 08 DE AGOSTO DE 2027



Ouvir para construir: a 2ª Bienal do Livro de Sergipe será feita por você

Na primeira edição da Bienal do Livro de Sergipe, percorremos o estado em uma verdadeira jornada de escuta. Realizamos rodas de conversa, prestigiamos lançamentos e estivemos presentes em diversos eventos literários para entender o que o nosso povo desejava ver. Cada sugestão, fosse ela vinda do corpo a corpo presencial ou das redes sociais, foi cuidadosamente apreciada e aplicada.

O resultado? Mais da metade da nossa programação nasceu da voz do público.

Para a segunda edição, nosso compromisso com a escuta continua inabalável. Por isso, lançamos a “pergunta de milhão”: **O que você**

espera para a 2ª Bienal do Livro de Sergipe?

Quais escritores, artistas e bandas, sejam talentos da nossa terra, nomes nacionais ou referências internacionais, não podem faltar? Você é parte fundamental da nossa curadoria. Estaremos nas ruas e nas redes sociais prontos para te ouvir.

Participe: Acesse o QR Code, deixe sua mensagem e ajude a formular uma programação vasta, colaborativa e plural.

Lembre-se: toda sugestão é preciosa. Às vezes, aquela ideia guardada por receio é justamente o detalhe que fará toda a diferença no evento. Vamos, juntos, criar mais uma edição histórica para o nosso estado!



Realizamos
o **seu sonho**
de ter um
livro publicado.

EDITORA
ArtNer

☎ 79 99131.7653

🌐 artner.com.br

📷 editora_artner

TRADIÇÃO EM **TRANSFORMAR** IDEIAS EM GRANDES **IMPRESSÕES**

Na J. Andrade, sua
satisfação é garantida



📍 R. Lagarto, 322 - Centro, Aracaju - SE

☎ (79) 3711-1818 📷 @graficajandrade



**GRÁFICA
EDITORIA
J. ANDRADE**



I BIENAL DO LIVRO DE SERGIPE

LER, SENTIR E TRANSFORMAR

18 A 20 DE SETEMBRO 2025
DAS 08H AS 19H

MUSEU da GENTE Sergipana
AV. DO PARAO, 388
CENTRO, ARACAU - SE

- LANÇAMENTO DE LIVROS (PRAÇA DOS ESCRITORES)
- PALESTRAS E RODAS DE CONVERSA
- LITERATURA SERGIPANA EM FOCO
- TROCA, VENDA E DOAÇÃO DE LIVROS
- SESSÕES DE AUTÓGRAFOS (ENCONTROS COM AUTORES)
- STANDS DE EXPOSITORES
- APRESENTAÇÕES CULTURAIS
- LIVRARIA E CULTURA GEEK

ORGANIZAÇÃO: GOVERNO DE SERGIPE
APOIO CULTURAL: Instituto Banese, me, DESO, ARACAU

